

# “Ao discurso, que nos uniu”<sup>1</sup>. Para Eni Orlandi

*To discourse, which has gathered us! To Eni Orlandi*

Bethania Mariani<sup>2</sup>

*Universidade Federal Fluminense*

♦ RESUMO: Este texto objetiva narrar a trajetória acadêmica e intelectual da professora e pesquisadora Eni P. Orlandi, entre o início da década de 1980 e o início do século XXI. Contar a trajetória de Eni Orlandi é também contar a história da institucionalização do campo disciplinar da Análise do Discurso, sob a perspectiva de Michel Pêcheux, no Brasil. Conto a história dessa brilhante intelectual a partir de fragmentos narrados por ela mesma em diferentes publicações e, também, a partir da ótica de um testemunho pessoal, como aluna, mestranda e doutoranda no IEL, UNICAMP entre 1984 e 1996.

♦ PALAVRAS-CHAVE: Eni Orlandi. Análise do Discurso. Institucionalização. Estudos de Linguagem.

♦ ABSTRACT: This paper aims to recount the academic and intellectual route of professor and researcher Eni P. Orlandi between the beginning of the 1980s and the beginning of the 21st century. Following Eni Orlandi's path is also telling the story of the institutionalization of the disciplinary field of Discourse Analysis from Michel Pêcheux's perspective in Brazil. I tell the story of this brilliant intellectual from fragments narrated by herself in different publications and also from a personal testimony perspective, as a student in the master's and doctor's programs at IEL, UNICAMP between 1984 and 1996.

♦ KEYWORDS: Eni Orlandi. Discourse Analysis. Institutionalization. Language Studies.

*“Nunca começa onde começa oficialmente. Começa antes.”*  
(Orlandi, 2009)

*“O começo é sempre antes.”*  
(Orlandi 2014)

## 0. Caminhos

Escrevendo sobre discurso e leitura, Eni Orlandi afirmou que há muitas maneiras de se entrar em um texto – objeto simbólico que produz sentidos - assim como há muitas maneiras de se sair dele. Todo texto, e isso nos lembra Pêcheux, tem pontos de

<sup>1</sup> “A teoria da Análise de Discurso reuniu pesquisadores de inúmeras regiões do Brasil, todos interessados em pensar a linguagem em sua relação com a historicidade e com o inconsciente. Se cada um daqueles que brindaram e ainda brindam ao discurso fosse instado a falar dos efeitos de sentidos que o enunciado em questão produziu e produz em sua história pessoal, provavelmente haveria diferenças nas maneiras de significar – o recorte de memória e o imaginário de cada um se apresentaria em sua singularidade –, mas, certamente, muitos fariam de como foram “capturados” ou “fisgados” para esse campo teórico organizado em torno de “uma análise materialista das práticas de linguagem” (PÊCHEUX, 1988 [1977]; p. 26) que trabalha, na materialidade da língua, a relação teórica entre ideologia e inconsciente, considerando que a ordem da ideologia e a ordem do inconsciente não coincidem. (Mariani, Medeiros e... – livro em homenagem à Eni...)”

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela UNICAMP. Laboratório Arquivos do Sujeito. Pesquisadora do CNPq. [bmariani@id.uff.br](mailto:bmariani@id.uff.br)

deriva na construção dos processos de significação; apenas no plano imaginário supõe-se um texto como uma unidade fechada e o sujeito como origem do dizer. Na relação material entre linguagem, inconsciente e ideologia, nesse languageiro da escrita/leitura do texto, marcas da constituição do sujeito se inscrevem, traços do inconsciente e da ideologia que abrem lugares para as equívocas e para os deslocamentos dos sentidos.

No processo de entrada na leitura, na posição de analistas, somos responsáveis pelas perguntas e pelos objetivos que formulamos, pelo dispositivo teórico que mobilizamos e pelo dispositivo analítico que construímos passo a passo na leitura empreendida para dessuperficializar a materialidade significativa e assim compreender os processos de produção de sentidos em jogo na historicidade daquelas condições de produção. De mãos dadas com esse conjunto de responsabilidades, uma ética se inscreve e escreve o fazer do analista no batimento entre descrição e interpretação.

Se nos dias de hoje posso escrever, com alguma propriedade, essas poucas palavras sobre a análise do discurso é porque fui capturada pelos gestos teóricos e analíticos de interpretação constitutivos de um texto que li em 1981.

## 1. Começos

O título de um artigo em uma pequena revista branca, colocada ao lado de tantas outras em uma das inúmeras barraquinhas de venda de livros usados que se espalhavam pelo campus da PUC, no Rio de Janeiro, chamou minha atenção. “Discurso da história para a escola” (Orlandi, *Cadernos de Uberaba*), esses eram os poucos significantes que físgaram meu olhar e me levaram para a leitura da análise de textos de livros didáticos de história. No manejo da discussão sobre linguagem e ideologia em relação à análise que lá se formulava, ou seja, no modo como Eni escreveu e se inscreveu na materialidade daquele texto, uma luz acendeu o desejo de conhecer um campo teórico que até então eu sequer sabia que existia.... e, também, uma pesquisadora cujo nome eu ainda não havia escutado.<sup>3</sup>

Importante chamar a atenção para um ponto: a Eni, que só vim a conhecer depois, já estava ali naquele texto, no silêncio que constitutivamente se materializava entre as palavras e que me convocou a querer saber mais. Um silêncio que produziu deslocamentos na “solitária história” (Orlandi, 2004, p. 50) que todo sujeito vive em relação aos sentidos ditos e não ditos que vão povoando sua vida.

Como Eni afirma, na maneira como se textualizam, como se constituem e se formulam os sentidos, e isso se dá sempre dentro e a partir de uma certa discursividade, em uma relação linguagem/história/memória, se produz e se inscreve um efeito-leitor. Leitor, físgado ou não, é leitor resultante dos efeitos de operação da ideologia e do inconsciente na subjetividade, fazendo os sentidos se colarem, ou não; as identificações se tecerem, ou não. **“No fundo, para mim, o lugar dessa movimentação do sentido é o lugar em que justamente o sentido poderá ser outro na leitura. É aquilo que eu digo que a leitura é: o fato de que o sentido pode ser outro, de que o sentido está nessa relação.”** (Orlandi, 2004, p. 27).

---

<sup>3</sup> Esse episódio está narrado também em Mariani, Medeiros e Moura (2011, p. 398): “Mariani, em 1981, ainda como aluna de graduação, e muito antes de conhecer pessoalmente Eni Orlandi, comprou em uma banca de livros nos pilotis da PUC-Rio a *Revista de Uberaba* (1980), e dessa forma leu pela primeira vez o artigo “O discurso da história para as escolas”. Algo forte se transmitiu com essa leitura: a descoberta de que o ideológico estava inscrito na ordem material da língua, inscrito no posicionamento dos advérbios, nas ausências de sujeito em orações com formas apassivadas etc. O ideológico não era um conteúdo, tinha sua materialidade e na língua encontrava uma forma de inscrição. Essa leitura inicial deu início a incontáveis viagens para a UNICAMP, propiciando um longo percurso de leituras e descobertas outras, com a orientação de Orlandi.”

Daquele primeiro momento de leitura, ainda restam lembranças fragmentadas de um júbilo indizível, testemunho desse ponto em que fui tomada pelo que se escrevia na escrita de uma autora, pelo gesto teórico que desnaturalizava interpretações cristalizadas. A leitura provocou uma passagem na qual o sujeito se viu implicado: uma experiência de ruptura com o já conhecido ao mesmo tempo em que produzia uma vontade de conhecer o que de início parecia estranho.

Encontrei ali esse estranho amor à língua, ou melhor, de alguma maneira reencontrei traços fugidios de uma paixão logofílica latente, uma paixão compartilhada pelos linguistas, escritores e psicóticos, conforme definição de Michel Pierssens em seu livro *La tour de Babil* (1976), reflexão retomada por Michel Pêcheux em ‘Les hommes fous de leur langue’, quarto capítulo de seu livro *La Langue Introuvable* (1984 [1981]). Mas essas teorizações eu só vim a descobrir anos depois. O que importa dizer aqui é que, com a leitura daquele artigo, algo se deslocou em mim, algo ainda não dito, não lido, não escutado, não sabido. Algo inédito.

Passei, então, a viajar do Rio de Janeiro em direção a Campinas dando início à aventura teórica que me colocou diante daquela formulação fundamental dita e escrita pela Eni inúmeras vezes: **“Ler é saber que o sentido pode ser outro”** (Orlandi, 1988). Penso que esse deslocamento entre as duas cidades trouxe um algo a mais pessoal e intransferível que agora tento significar, valendo-me de um deslocamento nos significantes e produzindo um efeito metafórico: Viver é saber que o sentido pode ser outro. Sempre.

Não sei se com o que escrevo agora falo dos gestos teóricos da Eni ou dos efeitos desses gestos em mim. Gestos que tantas vezes retomo, me percebendo tomada pela acuidade e pela beleza de uma formulação, ou que retomo e desloco, entremendo textos e vozes.

Com bom humor, com a convicção de quem tem o que dizer, e com a paixão de quem não recusa desafios, Eni P. Orlandi chegava para dar aulas carregando, literalmente, uma pilha de livros. Largava todos sobre a mesa e dizia: **“Minha aula está aqui.”** Em seguida, começava a falar e a constituir uma verdadeira legião de alunos apaixonados pela análise do discurso, ao mesmo tempo instigados e surpreendidos pelo registro singular que marcava seu dizer. Não havia nenhum tipo de concessão para o que não fosse da ordem da teoria: respirava-se análise do discurso antes da aula começar, durante a aula e, também, durante o intervalo para o café, momento em que corríamos para fazer cópias dos periódicos *Langages*, *Mots*, *Langue Française* e tantos outros livros que ela generosamente trazia para lermos. Eni avançava, e nós avançamos com ela. Além do curso de Introdução, houve um único voltado para a leitura do *Vérités de la Palice* e um outro só para *La Langue Introuvable*. É importante enfatizar que, mais do que ensinar análise do discurso, Eni transmitia - e segue transmitindo - algo para além do que estava nos livros ou nos textos que escrevia. Havia, nas aulas, um reconhecimento da alteridade, das diferenças, e esse reconhecimento permitia uma experiência vivida, viva, um encontro desejante entre aqueles que gostam da linguagem. Discurso é assim. Discurso produz esse efeito de provocação.

Lembro do depoimento da Eni (2004) sobre esse gostar da linguagem. Dentre as histórias familiares, diz Eni, há, especificamente, uma narrada por sua mãe sobre momentos específicos da sua infância. Sua mãe a encontrava deitada no chão, **“...olhando as nuvens e contando historinhas”** para si própria. Eram momentos em que, nesse estar sozinha, pois os irmãos mais velhos estavam internos e os adultos ocupados com seus afazeres, experimentava estar na linguagem.

Para tentar explicar como compreendo os efeitos subjetivos desse *olhar as nuvens, contando historinhas*, trago parte de uma reflexão do Agamben, em *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (1989 [1979]). No texto de abertura desse livro, Agamben propõe a compreensão de uma noção de infância como chão da “experiência de linguagem”, ou seja, um momento sem linguagem, no qual a linguagem é condição para essa experiência, e dessa condição nos deparamos apenas com seus efeitos. Não nascemos falantes, precisamos nos constituir como sujeitos na linguagem e pela linguagem em um movimento de inscrição da presença dos pequenos outros, fundamento para que a escrita do Outro (inconsciente, interdiscurso, ambos se manifestando de forma oblíqua) se escreva no corpo e na língua. Na experiência de linguagem (*experimentum linguae*), diz Agamben: “Os limites da linguagem não são buscados fora da linguagem, na direção de sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal, na sua pura auto-referencialidade.” (Agamben, *idem*, p. 12). Na realização de tal experiência, dirá Agamben, nos deparamos com o lugar em que as palavras faltam, se partem. Esse é um lugar que, ao invés de ser um recuo, uma desagregação, representa justamente a convocação para buscar compreender o enigma da impossibilidade de se apropriar totalmente de uma língua. (Agamben, *idem*, p. 14). Discursivamente, pela teoria da análise do discurso, eu re-diria: a impossibilidade de se falar tudo, de significar tudo, de estar totalmente no silêncio que respira entre as palavras. A experiência de linguagem, ela não se ensina, não é da ordem do biológico, mas seus efeitos se transmitem.

Ao narrar suas memórias de infância, Eni nos fala das muitas línguas que a rodearam a partir de seus pais: o italiano, o francês, o português, o latim. Essas muitas línguas que a habitam ganham forma de poema, tal como está em *Terra à vista*: **“Meu pensamento fala francês // Meu corpo fala italiano // Minha alma que é branca fala latim // e as outras que as tenho muitas // falam tantas e outras línguas // Mas meu silêncio é brasileiro”**.

Nesse chão da experiência de linguagem que ela relata nesse fragmento de memória, podemos ler “o encantamento e a revelação” (palavras dela) que tinha com seu pai com quem fazia jogos de linguagem e brincadeiras sobre o sentido das palavras. **“Eu tinha uma curiosidade enorme pela linguagem, uma curiosidade realmente muito grande. Acho que esse traço é fundamental na minha vida, porque eu percebo até hoje o prazer que me dá na hora em que eu consigo formular uma frase. Quando eu formulo algo que eu leio e acho que faz sentido eu fico emocionada, eu preciso parar de escrever, fico andando pela casa um pouco, sentindo a emoção de ter encontrado uma formulação (...) Desde pequena eu tinha essa emoção de saber o que significavam as palavras e o que é a linguagem. Eu continuo a ter como se fosse infantil isso em mim até hoje, um sentimento infantil de descoberta quando eu encontro uma palavra ou uma formulação boa. Tenho um sentimento de descoberta em relação às palavras que me dá um imenso prazer.”** (Orlandi, 2004, p. 14).

Para mim, constituindo um pequeno gesto de compreensão sobre esse *sentimento infantil de descoberta*, esse *imenso prazer* não está no passado. Eni nos diz: *ainda hoje...*

Entendo que durante as aulas de alguma forma esse prazer se renovava, era transmitido e provocava como efeito, acendia, acho que posso falar assim, nos alunos, em quase todos os alunos, ou em mim, pelo menos, um desejo de seguir adiante ouvindo, falando, lendo, teorizando. Hoje compreendo que essa memória (sempre na tensão com o esquecimento) das tantas experiências de linguagem está na base da singularidade da enunciação. Volto a esse ponto mais adiante.

Ainda sobre as aulas, lembro dos convidados franceses que iam pingando ao longo dos meses, dando palestras, aceitando *rendez-vous* com os inúmeros orientandos e fazendo pequenas reuniões de trabalho. Claudine Haroche, na minha memória de mestranda, foi a primeira<sup>4</sup>, e depois foram chegando Francine Mazière, Denise Maldidier, Paul Henry, Jacqueline Authier, André Collinot, Dominique Maingueneau, Jean-Marie Marandin e Patrick Sériot. Outros também, provavelmente, não lembro de todos. Os franceses faziam suas palestras, Eni seguia incansavelmente traduzindo...e enquanto traduzia, já ia comentando com os alunos. Discordava, concordava, acrescentava, enfim, acho que os franceses ficavam meio tontos ao se defrontar com tanto pensamento em ebulição.

À sua afirmação, “Nunca fui uma leitora servil” (Orlandi, 2014, p. 45), posso acrescentar: nunca foi uma tradutora-intérprete servil. Ler, escutar, escrever, falar, traduzir, todos esses gestos na linguagem sempre a levam a dizer melhor o que já disse antes e a formular o novo. Importante também é que Eni colocava diretamente nossos trabalhos, nosso dizer em contato com os visitantes. Em meio a um debate, ela olhava para um de nós e, de modo certo, dizia: “Ah, você toca nisso no seu trabalho, não é? Então, conta o que está pesquisando!”

Nós, mestrandos e doutorandos, almoçávamos e saíamos para tomar cerveja com aqueles professores estrangeiros, estabelecendo à brasileira uma prática de teorizar em brasileiro, em francês, em espanhol, enfim, na língua e no lugar que fossem possíveis. Mas não era fácil.

Se no Brasil o enfrentamento era com os que praticavam uma linguística formalista, com os franceses o enfrentamento era mais sutil. Nem todos percebiam de imediato que estavam diante de um pensamento que pulsava e criava mecanismos de resistência, a partir da própria teoria, contra qualquer tipo de submissão. Ainda era necessário, em pleno final do século XX, resistir aos efeitos e vestígios da memória europeia colonial.

Em relação à linguística brasileira, o prêmio Jabuti concedido ao livro *Formas do silêncio*, foi mais do que uma resposta aos críticos e céticos de plantão. Em relação aos europeus, a posterior publicação em francês de *Les formes du silence dans le mouvement du sens*, em 1994, pela Éditions des Cendres, após três reedições do livro em português no Brasil, é emblemática tanto França como aqui. Francine Mazière, no “avant propôs”, reconhece isso e afirma: “Ce livre paraît très familier à certains endroits et fort étrange à d’autres, et il n’est pas évident que nos habitudes de pensée nous en ouvrent facilement les portes. Il est une sorte de défi venu d’un pays qui a su s’approprié et transformer nos manières de penser et de dire.” (Mazière, Avant propôs, 1994, p. 8)

Com esse meu texto, penso não me restringir exatamente a uma obra falada e escrita, mas sigo em direção à fundação de uma discursividade teórica que, se encontra suas raízes em Michel Pêcheux, não se separa da terra fértil em que veio a crescer, nem do pensamento entusiasmado<sup>5</sup> que coloca a análise do discurso em circulação.

<sup>4</sup> E, aliás, foi em função do curso que ela ministrou na UNICAMP que eu e Tania Clemente de Souza escrevemos um artigo sobre as reformas ortográficas em 1986.

<sup>5</sup> Sobre os sentidos de *entusiasmo*, aprendi, lendo Lacan (2013 [1973]), sobre o entusiasmo (em *Nota aos italianos*) e final de análise. *Entusiasmo* tem a ver com um afeto que rege a presença de um saber nunca acabado, nunca totalizador, nunca completo ou concluído.

“**Entusiasmo**” tem a sua origem no Latim. (procurar para citar o dicionário etimológico) Ele é derivado de ENTHUSIASMOS, que, por sua vez, é derivado do grego, ENTHOUSIASMOS – ENTHEOS - que tinha como significado “Inspiração divina”. Esta palavra grega faz parte do verbo ENTHOUSIAZEIN, que significava “estar inspirado por um deus”.

Não é sem Pêcheux que Eni fez avançar e ampliar os fundamentos teóricos e os procedimentos basilares de análise. Mas devemos ter em mente que ela vai além, que ela funda uma escola, funda com vigor uma discursividade teórica que se realiza no entremeio das Ciências Humanas e Sociais.

Eni nos conta (2004, p. 09) que, enquanto morou em Paris na década de sessenta, encontrou o *Analyse Authomathique du Discours* de Pêcheux em uma livraria (ao lado de um livro da Julia Kristeva). Ao começar a leitura, ficou “**muito impressionada, porque falava em política**”, exatamente o centro de sua atenção: “**linguagem e política**”. Desde a década de 70, ao voltar para o Brasil (“**com o livro de Pêcheux e como professora da USP**”, Orlandi, 2012, p. 17), Eni praticou essa filiação de forma independente, original e única, enfrentando a aridez crítica e feroz de muitos linguistas inconformados com a instauração de um campo de conhecimento sobre a linguagem articulado a uma teoria materialista.

A posição teórica da Eni, como sabemos, é a que formula fortemente a noção de discurso como objeto teórico, uma posição que entra em descontinuidade com os estudos linguísticos até então vigentes. Como descontinuidade, instala-se como acontecimento teórico, ou seja, como formulação de ruptura com a linguística que até então se praticava: não se trata mais de discussões para contrapor um quadro teórico-metodológico formalista ou empirista na conceituação e análise das línguas e da linguagem, mas sim, nos termos propostos por Pêcheux, de uma mudança radical de terreno que implica um objeto próprio – o discurso, definido como efeito de sentidos entre locutores –, e inclui, em seu enquadre teórico, o materialismo e a psicanálise articulados aos estudos da linguagem e do sujeito. É uma posição teórica que traz um engajamento político próprio. Gosto de retomar um artigo de Pêcheux publicado em 1969 sobre o momento intelectual francês pós 1968. Em tal artigo, Pêcheux afirmava que uma hipótese possível sobre as consequências políticas de maio de 68 no projeto político-universitário francês supunha uma mudança radical do próprio projeto científico acadêmico e intelectual, sinalizando “o fim de uma época para além da qual todo saber estaria por ser reinventado”. (PÊCHEUX, 2011[1969], p. 173). Parafraseando para seguir adiante, podemos dizer: uma transformação que pressupunha uma leitura crítica e de redefinição de categorias algumas de base das ciências humanas, o que levaria à produção de resultados sobre as próprias bases. Não conheci Pêcheux, mas uma leitura cronológica permite depreender os momentos em que o autor fala de “mises au point” a propósito da teoria, de revisões e auto-críticas que mostram como ele segue e persegue esse pensamento de redefinição sugerido no artigo de 1969. Em outras palavras, segue teorizando inquieto, em um movimento que recusa seguir as evidências que as hegemonias teóricas produzem em cada conjuntura histórica.

Já disse e repito: a obra da Eni se produz como lugar de resistência teórica e política, articulando-se com esse gesto de Pêcheux de reterritorialização de conceitos. (Mariani, 2010). O que importa, e se encontra em Pêcheux-Orlandi, é um fazer os conceitos trabalharem no próprio terreno em que foram formulados para, em um gesto teórico, reterritorializá-los no campo da teorização da análise do discurso. O que se tem aqui é uma posição histórica e política que supõe o trabalho teórico como atividade transformadora. Desacomodar autores e leituras é um trabalho que se faz lendo esses autores e lutando com a complexidade do pensamento teórico. (Mariani, 2010).

A filiação de Eni a Pêcheux pode ser colocada de várias maneiras, mas para mim o que se coloca de modo forte são os laços teórico-políticos e, também, os entrelaçamentos político-teóricos.<sup>6</sup> Dizendo com minhas palavras o que Eni sempre

---

<sup>6</sup> Em Mariani e Silva, retomo esse ponto de vista. (Mariani e Silva, *Idées Théoriques en Circulation Entre La France Et Le Brésil : L'analyse Du Discours De M. Pêcheux Et E. Orlandi*, 2017, inédit)

coloca de modo forte: falar é tomar posição no sócio-histórico, é instaurar diferenças, é inscrever-se subjetivamente em redes de sentidos sem a ilusão de se estar na origem e no controle do dizer. **“Isso é uma coisa que eu acho que é muito importante no meu trabalho: ele é marcado pelo fato de que a teoria é política”**. (Orlandi, 2004, 2006, p. 31).

O político na análise do discurso não é o partidário nem é conteúdo, como ela afirma. E ainda hoje é dessa maneira que teorizamos: O político é **“funcionamento dos sentidos em qualquer discurso.”** (Orlandi, 2014, p27, p. 45).

Não há possibilidade de se contornar esse fato, se se quer pensar sobre a disciplinarização da Análise do Discurso no Brasil. “A teoria é política”, afirmação que não ignora a advertência de Pêcheux (1969) sobre a necessidade de desautomatizar a repetição das formas de pensar na universidade.

Nessas duas décadas iniciais, anos 70 e anos 80, dá-se essa tomada de posição teórica, produzindo uma intervenção no campo dos estudos da linguagem. E ocorrem pelo menos dois acontecimentos. Um deles está no lançamento do primeiro livro *A linguagem e seu funcionamento* (1983), marcando, com o discursivo, a passagem da noção de função para a de funcionamento. O outro acontecimento contribuiu para a continuação dos passos dados em direção à disciplinarização da Análise do Discurso no Brasil: a fundação do GT de Análise do Discurso durante a primeira reunião da ANPOLL, em 1986, em Curitiba. A fundação do GT foi feita de forma independente e, ao mesmo tempo, em relação com as possibilidades que se abrem nos domínios da política científica que se praticava na época. Um GT fundado a partir de uma *práxis* efetivamente realizada de investimento teórico e formativo: tradução de textos, orientação de alunos, aulas ministradas, produção de projetos, obtenção de financiamentos de pesquisas e participações em congressos, sempre levando um forte núcleo de pesquisadores do discurso associados entre si, e, ao mesmo tempo, sustentando eticamente suas diferenças. A fundação do GT representou não apenas uma vitória política, mas, sobretudo, o assentimento e o reconhecimento de um avanço teórico-metodológico no campo dos estudos da linguagem no Brasil. O reconhecimento do percurso de trabalho, das pesquisas realizadas e da formação contínua de novos quadros de pesquisadores promoveu ainda mais o fortalecimento da disciplinarização e da transmissão dos estudos do discurso, abrindo espaço para outros lugares de enunciação por todo o Brasil. (Mariani e Medeiros, 2013).

É a partir de e com a instauração de diferenças que seguimos falando e perguntando sobre a opacidade da linguagem. Tal como crianças com seus porquês infinitos, os pesquisadores em discurso seguem perguntando sobre as filiações discursivas dos sentidos em suas relações com o lembrar-e-esquecer da memória discursiva, a historicidade, a linguagem e o sujeito interpelado e dividido. “Discurso é efeito de sentidos entre locutores” (Pêcheux, 1969, p.37). E são vários os efeitos analisados: efeito de verdade, efeito-sujeito, efeito-autor, efeito-leitor, efeito de sociedade, efeito metafórico.

Como insiste Eni, ao longo de sua obra, trabalha-se com a não completude, com o que se desloca ou escapa, com a unidade e a dispersão, com o silêncio e o movimento dos sentidos, com o dito e o não-dito, com a tensão entre o parafrástico e o polissêmico, a ordem e a organização, a forma abstrata e formal material, a contradição, a equivocação e os deslizamentos. Mencionei, aqui, apenas algumas de suas formulações conceituais já mais do que consagradas, sempre retomadas por todos nós que trabalhamos com as discursividades, e que resultam de um incessante trabalho de análise que retorna para a teoria, reinterrogando o já estabilizado.

*Vedere discosto*, afirma Eni (2012, p. 10), retomando Machiavel a partir de Romain Descendre. E como ela nos explica, *ver mais longe* não é simplesmente querer prosseguir indo além e acumulando conhecimento. O trabalho científico e intelectual do analista, para Eni, está no distanciamento do olhar: **“A ver sempre mais longe, no desvio.”** (Orlandi, *idem*). Observar o caminho e suas margens de forma determinada. Entendo o *determinada* em uma dupla acepção: determinada pelas questões e objetivos de pesquisa, e determinada com a tenacidade de quem se coloca no lugar de pesquisador sabendo que o sentido pode ser outro<sup>7</sup>.

Ver, observar, ler a “matéria significativa” (expressão usado em *As formas do silêncio*, 1992) em relação à historicidade dos acontecimentos que se inscrevem ou não, com abertura para o movimento dos sentidos, pois do contrário não se depara com o real, a deriva, os equívocos.<sup>8</sup> Como afirma Eni, **“...é desse ler que necessitamos, ter olhos sutis, deixar portas abertas, sem deixar de aprofundar as questões, assegurar as análises, explorar lentamente campos não explorados mas sustentados com firmeza na teoria. Não deixar de levar às suas consequências o ir e vir da teoria à análise, da descrição à interpretação, caminhando pelo estabilizado e o sujeito a equívoco. Trabalhar com método. Compreender em profundidade e, sobretudo, praticar o entremeio.”** (Orlandi, 2012, p. 11)

No Brasil, a mudança de terreno proposta por Pêcheux foi levada adiante de forma singular, de forma autoral. Aqui, do outro lado do Atlântico, a teoria não foi praticada com sotaque. Ao contrário, com a historicidade e com a língua brasileira a partir da qual se engendra e se pratica o entremeio das disciplinas, não se apagou o político, não se abrandou o ideológico, nem se ignorou o sujeito interpelado e dividido. Como Eni nos conta, **“Este sempre foi o lugar da ruptura e da polêmica no Brasil: o da materialidade da língua, do sujeito, da história, do sentido, afetados pela relação do inconsciente com a ideologia. Entre o empírico e o abstrato, coloca-se, com a análise de discurso, o lugar do material. Não a evidência, nem a transparência: o material concreto.”** (Orlandi, 2012, p. 23)

A *práxis* de análise do funcionamento discursivo se faz de forma vagarosa, como Eni alerta. Não há lugar para os não deixam a maturidade intelectual se processar na sua temporalidade própria, ou, em outras palavras, para aqueles que Eni nomeou como “intelectual de internet”. (Orlandi, 2012, p. 25) É importante termos essa crítica à pressa e ao produtivismo no horizonte, pois as agências de fomento exigem exatamente uma espécie de permanente estado de prontidão que leva os apressados a bater continência para os regulamentos, seja para segui-los à risca, seja para encontrar maneiras de contorná-los.

A construção do dispositivo de análise da discursividade, seja tal discursividade constituída por não importa qual matéria significativa, tem seu tempo próprio: a reflexão intelectual não nasce pronta nem é elaborada rapidamente. É um trabalho que se constrói dialetizando o caminho, suas margens e seus desvios; com o silêncio, com a não-completude. E desse trabalho, o pesquisador não se encontra ausente como se fosse uma máquina de aplicação de conceitos. Ao contrário, e essa foi uma das lições que aprendi: a enunciação científica não tem como não emergir marcada pelo que há de singular. Como sabemos, o conceito de enunciação, do ponto de vista discursivo, tanto é relativo aos pontos de ancoragem do eu-aqui-agora de uma suposta estabilidade linguageira no teatrinho da consciência (Pêcheux, 1988), quanto se encontra determinado pelo que Pêcheux chamou de esquecimentos número 1 e número 2. Na especificidade da escrita da teoria discursiva e das análises empreendidas, as

---

<sup>8</sup> Cf Mariani, 2016, ao discutir arquivo e olhar na revista *Resgate*.



singularidades se inscrevem e se tensionam pelo jogo dito-não dito, em relação ao processo de interpelação-assujeitamento ao Outro. A teoria não silencia a enunciação daquele que analisa. Aliás, isso é impossível. Ou ainda, em outras palavras, a necessária teorização veste o gesto de compreensão do pesquisador, mas não funciona como uma capa impermeável. E isso vale tanto para as pesquisas realizadas individualmente quanto para aquelas discutidas em grupo.

Aproveito para contar um episódio de pesquisa em grupo e lembrar um dos muitos conselhos que recebi dessa minha orientadora logo que entrei para a UNICAMP. O conselho, acho que até hoje ela o pratica: aprenda a proteger o seu trabalho, trabalhando. O trabalho, quando é bom, aparece por si só. Esse é o mesmo conselho que sempre repasso para meus orientandos. A situação de pesquisa relato a seguir.

Naquelas nem tão longínquas décadas de 80 e 90, lembro do dia em que fui chamada em seu gabinete para ler, em sua companhia, a carta oficial do MEC-INEP que registrava, em um movimento institucional muito raro e inesperado, a solicitação para que a pesquisadora realizasse uma pesquisa sobre leitura. Proposta aceita com o projeto *O perfil histórico-linguístico do leitor brasileiro e sua relação com a escola*, enviado para o INEP, e que reuniu um bom número de mestrandos e doutorandos sob sua orientação. Não lembro dos comentários da Eni, mas lembro do seu olhar e do sorriso que acompanhava o convite para integrar esse coletivo de pesquisa, aos poucos sendo alargado, conforme o trabalho avançava.

O resultado foi organizado pela Eni no livro *A leitura e os leitores*<sup>9</sup>, publicado em 1998. Como ela afirma na introdução, **“Este livro não é apenas o resultado de uma pesquisa em conjunto, mas da prática de reflexão que teve um percurso em que nos expusemos a diferentes modos de trabalhar e a diferentes relações com o público, ou melhor, com diferentes públicos.”** (Orlandi, 1998, p. 08). Um dos pontos mais fortes da teorização proposta, estava centrado na questão da resistência desse leitor brasileiro em sua relação com a escola e com seu lugar social, urbano. Nos diferentes domínios das análises empreendidas, discursivamente nos colocamos no lugar de compreender os jogos de administração dos sentidos e os gestos de resistência do sujeito. **“O que temos a dizer”,** afirma Eni, **“é que reconhecer que o jogo da palavra é fortemente administrado e explicar a organicidade desse poder dizer não significa poder ‘dominá-lo’. Ao contrário, o que a análise de discurso mostra é a equivocidade desse poder, o fato de que ele está a cavalo sobre a língua e a história, entre a necessidade e o acaso, entre a certeza e o equívoco, entre a estabilidade e a movência, entre a vontade e a indiferença. Não há nem um agente onipotente na origem e nem um poder institucional todo poderoso no fim. O sujeito se faz em um movimento de entrega e de resistência.”** (Orlandi, 1998, p. 17) Participando desse coletivo, pude compreender melhor que resistir é se deslocar para poder dizer em outro lugar, de outro lugar. Na teorização da Eni, de forma simples e direta, podemos ler: **“O processo de resistência é justamente isso: estabelecer um outro lugar de discurso onde se possa (re)significar o que ficou ‘fora’ do discurso.”** (Orlandi, *idem, ibidem*)

Na escola, nesse lugar (*locus significandi* conforme Orlandi, 2017) em que se fundamenta o processo de individuação do sujeito pelo Estado, um professor pode dialetizar a injunção ao significar de determinada maneira, pode trabalhar com as filiações dos gestos de interpretação, pode levar à reflexão sobre os processos de identificação, sobre as raízes dos fundamentos ideológicos imbricados na fabricação das

<sup>9</sup> O livro *A leitura e os leitores* registra o resultado desse trabalho coletivo, com textos de José Horta Nunes, Monica Zoppi-Fontana, Claudia Pfeiffer, Pedro de Souza, Maria Onice Payer, Tania C. Clemente de Souza, Telma Domingues da Silva e eu mesma.

evidências dos sentidos. Com dificuldade, a partir de sua própria experiência no campo da linguagem, esse professor talvez consiga fazer com que as falhas nos rituais levem a outros sentidos, a queda dos ideais, por exemplo, e, assim conduzir seus alunos a compreender o jogo das identificações e contra-identificações. Mas o que já se encontra estruturado no aparelho psíquico permanece.

Por outro lado, há sempre um outro lado. No estruturante desse linguageiro estruturado, um linguageiro estruturado sempre na iminência de se desestruturar (no sonho, no lapso, no ato falho) o sujeito pode ir se reconhecendo, se implicando no que diz, e seguir adiante vislumbrando pequenos rasgos e trilhas que o advertem de suas questões mais pungentes. Estou apenas tentando falar de outra maneira muito do que Eni sempre falou e escreveu ao longo do andamento da sua obra. Como os sentidos não recortam exatamente (precisamente) o silêncio, deparamo-nos com a possibilidade sempre iminente de uma leitura outra, de um efeito metafórico levando ao movimento de uma palavra por outra, fora da cegueira dos processos de significação instituídos na família e na sociedade. Estou falando dos processos de resistência e de liberdade, inversões e deslocamentos possíveis que estão nas margens já colocadas pelo modo como o sujeito foi fisdado em sua experiência de linguagem, e caminha pelas trilhas do simbólico. **“Tem-se dito que somos pegos pela linguagem. Nesse sentido somos mais interpretados do que interpretamos. Estamos de acordo com essa afirmação com a condição de compreendermos que não somos pegos pela língua enquanto sistema formal, mas pelo discurso, pelo jogo da língua na história, pelos sentidos. Não é o objeto simbólico em si que nos afeta, nos interpreta, mas o seu acontecimento. Algo do mundo tem de ressoar no ‘teatro da consciência’ do sujeito para que faça sentido.”** (Orlandi, 1998, p. 21) Sim, há uma margem de liberdade: é possível tentar bordar o real, tentar dizer o que ainda não foi dito, escolher e recomençar, construir e refazer laços.

A margem de liberdade do sujeito, que entendo como uma espécie de independência frente à demanda do Outro, não é sem as paráfrases instituídas no domínio de pensamento de uma época, em sua articulação contraditória com a emergência do impensado do pensamento. Ou seja, esse impensado pensado em outro lugar vem com sua enigmática função de estilhaçar as repetições para deixar à mostra o desejo estruturado pela linguagem. Já o sem limite da liberdade está, se é que posso dizer de forma bem simples, na loucura, no que escapa totalmente ao simbólico e à lei, sem responsabilidade e sem culpa. Aqui o sujeito se encontra em uma errância, em uma desestruturação significativa, sem reconhecimento da alteridade e sem laços.

Muito antes da organização de *A leitura e os leitores*, todas essas questões já estavam colocadas em outras obras publicados. Quando aceitei o convite dos organizadores desse evento e me propus a escrever sobre a obra da Eni, me percebi envolvida mais fundamentalmente com determinados livros, alguns dos marcos fundadores de um percurso por ela realizado (em mim). São eles: *A linguagem o seu funcionamento* (1983); *Discurso e leitura* (1988); *O que é linguística (...)*; *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo* (1990); *As formas do silêncio no movimento dos sentidos* (1992); *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (1996); *Língua e conhecimento linguístico. Para uma história das ideias no Brasil* (2002); *Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia* (2012); *Ciência da linguagem e política: anotações ao da pé das Letras*. (2014). E, certamente, vou incluir nessa lista o livro lançado ontem: *Eu, tu, ele. Discurso e real da história* (2017).

Difícil falar de cada um desses livros em particular, ou de todos em seu conjunto. Em seu conjunto, são textos que nos levam, como leitores, a reler a teoria do discurso como se fosse sempre a primeira vez, pois no movimento de sua escrita a

teorização se produz simultaneamente em termos da problematização de procedimentos cruciais e no deslocamento do modo como se reiteram princípios fundamentais. Ah, essas minhas primeiras edições, tantas vezes sublinhadas e anotadas, sempre resultando em um a-mais a cada leitura.

Somos levados para “... lugares híbridos (...) não muito definidos (...) está aqui e não está lá ainda.” (Orlandi, 2006, p. 34).<sup>10</sup> Nunca se tem simplesmente uma troca de palavras, afinal, todo saber que se produz sobre o discursivo é também, ainda que indiretamente, um saber que fala do sujeito, do seu tempo histórico, dos laços sociais, e que fala também ao sujeito-leitor, daí a importância da ética e da responsabilidade em relação ao que se diz no modo como se teorizam as análises.

Disse que iria me restringir a alguns livros que muito me afetaram. Ao longo dessa minha fala, já mencionei vários, mas ainda há pelo menos dois que são incontornáveis: *Terra à vista* (1990) e *Língua e conhecimento linguístico* (2002).

Em análise do discurso, fazer a história da língua nacional e da produção do conhecimento linguístico na forma de abordagem de teorias linguísticas ou da construção de instrumentos linguísticos (gramáticas e dicionários) permite uma compreensão da formação social e histórica de um Estado-nação. **“Pela história da constituição da língua e do conhecimento a respeito dela, posso observar a história do país. (...) ao invés de fazer a história da sociedade brasileira aí incluindo a língua, procuro mostrar como o estudo sobre a história da língua e de seu conhecimento pode nos “falar” da sociedade e da história política da época, assim como do que resulta como ideias que se constituem e que nos acompanham ao longo de nossa história.”** (Orlandi, 2002, p. 10). Essa é uma das premissas com que Eni dá sustentação a uma longa e profícua pesquisa que se inicia bem antes da publicação de *Terra à vista* (1990). Em 1987, já com o projeto *Discurso, significação, brasilidade*, o aspecto linguístico já se encontrava incluído como elemento integrante do que se convencionou chamar como brasilidade ou identidade nacional. Como Eni relata em *Língua e conhecimento linguístico*, é justamente a questão língua/identidade nacional que passa a se tornar o pilar de projetos propostos na sequência.

Em 1994, a *Série Relatos* (número 01, agosto de 1994), publica o projeto *História das ideias linguísticas: a construção de um saber metalinguístico e a constituição da língua nacional*, pesquisa que já havia sido registrada e iniciada antes, em 1992. Em 1994, o projeto tem apoio CAPES/COFECUB, estabelece convênio com a universidade de Paris VII, é coordenado pela Eni no lado brasileiro e por Sylvain Auroux no lado francês. Retomando, após tantos anos, a leitura da série *Relatos*, me deparei com os inúmeros pesquisadores brasileiros envolvidos (Eduardo Guimarães, Fernando Tarallo, Marisa Lajolo, Kanavilil Rajagopalan, José Hora, Marisa Vieira, Tania Clemente, Monica Zoppi, Pedro de Souza, Suzy Lagazzi, eu mesma, Maria Onice Payer, Luiz Francisco Dias, ...) e com o vasto programa de trabalho. Vale ler seu objetivo: **“O objetivo do projeto é estabelecer um programa que permita desenvolver (e, de certo modo mesmo, implantar) uma reflexão que resulte em uma nova forma de conhecimento sobre a história das ideias linguísticas, visando: 1. A constituição do português-brasileiro como língua nacional; e 2. A história da constituição de um saber metalinguístico sob a influência da tradição ocidental. Faz também parte desse objetivo a elaboração de uma tecnologia de pesquisa que**

<sup>10</sup> Esse comentário da Eni, feito em 2006 em entrevista publicada na *Fragmentum*, número 07, diz respeito à fundação do Laboratório de Estudos Urbanos, o LABEURB, um laboratório por ela coordenado e que realiza pesquisa multidisciplinar. Trouxe o comentário tentar para explicar, ainda que anacronicamente, o que já se realizava desde antes de 1983 e a sensação provocada pela leitura dos textos da Eni

considera os instrumentos linguísticos – dicionários, gramáticas, etc – como extensões da relação do falante com a língua. O conhecimento a ser produzido concerne os campos da análise do Discurso, da literatura, da História das Ciências e da epistemologia dos Estudos da Linguagem.” (Série *Relatos*, 1994, p. 21)

Anos depois, descrevendo o processo que levou à formulação desse projeto, Eni narra: **“Tendo encontrado o projeto dirigido por Sylvain Auroux em Paris, passei a trabalhar explicitamente o que já vinha fazendo de maneira casual e irregular. Desse encontro (...) trouxe a possibilidade de encontrar apoio teórico, intelectual e metodológico para contar uma história que se passa no Brasil e não é mero reflexo do que se passa em outro lugar, mas que se diz pelas condições em que se relacionam língua e saber sobre ela num país cuja história começa a ser contada pela colonização, tornando-se independente no século XIX.”** (Orlandi, 2002, p. 13)

Com esse projeto, tantos novos caminhos se abriram sobre o português no Brasil, e tantas outras conceituações foram sendo formuladas. Língua imaginária e língua fluida, língua de colonização, e, a partir daí uma série de deslocamentos que constroem um lugar para se falar de outro modo sobre língua nacional, língua oficial, língua materna, língua geral etc. Muito do que se formula com essas conceituações, para mim, já se encontravam vislumbradas nos trabalhos e reflexões sobre as línguas indígenas, nas viagens para campo, no *Lições de Baetha. Sobre o pataxó Hãï hãï Hãï*.

**“Há língua e há línguas.”** (Orlandi, 2002, p. 11), afirma Eni retomando Milner.

Enfim, desses deslocamentos, outros se produzem em termos de como pensar a língua (materna, oficial, nacional) em relação com o sujeito (interpelado pela ideologia, dividido pelo inconsciente e submetido ao processo de individuação pelo Estado).

Nos desdobramentos, durante a realização do projeto seguinte, *História das ideias linguísticas: ética e política das línguas* (1996-2003), materializa-se um acontecimento forte: a organização, com Sylvain Auroux, da revista *Langages* 130, em junho de 1998: uma revista com 100% de autoria brasileira em solo francês. Visibiliza-se, com essa publicação, uma posição outra em termos de história das ciências, posição que se contrapõe tanto a um automatismo de repetições sobre as ideias vigentes sobre a língua portuguesa no/do Brasil em relação às línguas indígenas e africanas, quanto à forma de se produzir conhecimento sobre essas línguas e a língua como objeto teórico.

Disse no começo desse texto, que não se trata apenas de apresentar uma obra, mas sobretudo de falar sobre um lugar autoral, de fundação de discursividade, de ponto incontornável na história da Linguística brasileira.

Espero que outros colegas possam continuar desse ponto e trazer a memória da fundação do NUDEDRI, do LABEURB, dos projetos sobre o discurso urbano, sobre as “tralhas e troços” do discurso cotidiano, sobre a corporeidade da teoria para dizer do corpo, ou da corporeidade do corpo incidindo na materialidade do teórico...

No caminho para finalizar estas poucas palavras sobre a obra da Eni, em homenagem à minha mestra, que é também mestra de tantos de nós, fui me deparando, a partir da releitura desses livros que mais me tocam, com epígrafes e dedicatórias e, mais especialmente com duas epígrafes.

As dedicatórias seguem a trajetória de sua vida pessoal: às paixões Edu e Pat, Angelina, Thiago e Felipe... Eduardo, companheiro de tantos anos, da vida toda, e de tantas discussões teóricas e textos. E a Pat, Patrícia, que veio para desacomodar, que veio para reivindicar a mãe como mãe, que fez a mãe olhar para além de sua escrita. Os netos, um a um chegando, se acomodando e que seguem interrogando Eni desse lugar único de uma outra geração. Uma dedicatória, entre essas todas, é acadêmica: “Ao

professor Aryon Rodrigues. Preciso dizer isso: Eni sempre traz a voz de seus mestres, ela não apaga, ela reverencia e diz a parte de cada um em seu vasto território intelectual.

As epígrafes, por sua vez, dizem de si na teoria. Trago duas que falam em mim também: a primeira está em *A linguagem e seu funcionamento*; e a segunda em *Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia* (2012). Começo com a mais antiga, um trecho do poema Noturnidade de Cassiano Ricardo, poema evocado pela Eni em *A linguagem e seu funcionamento*, seu primeiro livro (1983):

“Não adianta quereremos ser claros.

A lógica não convence, a explicação nos cansa.

O que é claro não é preciso ser dito.”

E para fechar esse pequeno percurso sobre a obra da Eni, me vi às voltas com os dois versos de Thiago Puccinelli:

“Os anos saem pela porta

Sem previsão de volta”.

Se o Thiago me permite, seus versos me inspiraram e me fizeram pensar e dizer: por isso escrevemos sobre esses anos que saem, não na ilusão de apreendê-los, mas para deixar pelo menos uma versão do vivido.

Obrigada, Eni. Pelo discurso, que nos uniu.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. **Enfance et histoire: destruction de l'expérience et origine de l'histoire**. Paris: Editions Payot, (1979[1989]).

LACAN, J. Nota aos italianos. Em **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MARIANI, B. Da incompletude do arquivo: teorias e gestos nos percursos de leitura. *Revista Resgaste*. Revista do Centro de Memória da UNICAMP. Volume 24, número 1, Campinas, 2016.

MARIANI, B. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma retomada em Lacan e Althusser. In **alfa. Revista de Linguística**. Volume 54, 2010.

MARIANI, B. E MEDEIROS, V. E MOURA, T. Habitar uma teoria. IN RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. Dos; BRANCO, L. K. AN. C. (orgs). **Análise de discurso no Brasil. Pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: RG Editora, 2011, p. 293 a 310.

MARIANI, B. e SILVA, S. D. Idées Théoriques en Circulation Entre La France Et Le Brésil : L'analyse Du Discours De M. Pêcheux Et E. Orlandi. Texto apresentado no Colóquio da Université de Pau, França, 2017, inédit.

MARIANI, B. e MEDEIROS, V. « Disciplinarização dos estudos em Análise do discurso ». in *Revista Gragoatá*. Niterói: EDUFF, 2013.

ORLANDI, E. P. História das ideias X História de vida. In **Fragmentum**. Revista do programa de PG em Letras da UFSM. Santa Maria: 2004.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

ORLANDI, E. P. **Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1996.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez Editora, 1988.

ORLANDI, E.P. **Discurso em análise. Sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. e GADET, F. **A língua inatingível.** Campinas: Pontes, 2004.

PIERSSENS, M. **La tour de Babil. La fiction du signe.** Paris: Éditions du Minuit, 1976.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M. As ciências humanas e “o momento atual”. In ORLANDI, E. **Análise do discurso. Michel Pêcheux.** Campinas: Pontes, 2011 [1969], p. 175 a 202.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso [1969]. In GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

**Recebido em:** agosto de 2017.

**Aprovado em:** dezembro de 2017.

**Como citar este trabalho:**

---

MARIANI, B. “Ao discurso, que nos uniu”<sup>11</sup>. Para Eni Orlandi. **Traços de linguagem**, v. 2, n. 1, p. 36-49, 2018.

---

<sup>11</sup> “A teoria da Análise de Discurso reuniu pesquisadores de inúmeras regiões do Brasil, todos interessados em pensar a linguagem em sua relação com a historicidade e com o inconsciente. Se cada um daqueles que brindaram e ainda brindam ao discurso fosse instado a falar dos efeitos de sentidos que o enunciado em questão produziu e produz em sua história pessoal, provavelmente haveria diferenças nas maneiras de significar – o recorte de memória e o imaginário de cada um se apresentaria em sua singularidade –, mas, certamente, muitos fariam de como foram “capturados” ou “fisgados” para esse campo teórico organizado em torno de “uma análise materialista das práticas de linguagem” (PÊCHEUX, 1988 [1977]; p. 26) que trabalha, na materialidade da língua, a relação teórica entre ideologia e inconsciente, considerando que a ordem da ideologia e a ordem do inconsciente não coincidem. “(Mariani, Medeiros e... – livro em homenagem à Eni...)”